
**EDUCAÇÃO MUSEAL E FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM UM MUSEU DE
CIÊNCIA NA BAIXADA FLUMINENSE**

**MUSEUM EDUCATION AND TRAINING OF EDUCATORS IN A MUSEUM IN BAIXADA
FLUMINENSE**

**EDUCACIÓN MUSEICA Y FORMACIÓN DE EDUCADORES EN UN MUSEO DE LA BAIXADA
FLUMINENSE**

Simone Pinheiro Pinto¹Rodrigo Ayres Almeida Camurça²Mônica Santos Dahmouche³**RESUMO**

O estudo investiga a experiência de atuação do Museu Ciência e Vida, na perspectiva da educação museal e da formação de profissionais envolvidos em suas atividades no espaço, ancorado nos conceitos e fenômenos sociais e culturais, além da divulgação científica. A pesquisa, realizada por meio de um questionário, buscou compreender as percepções dos participantes sobre as formações oferecidas, os desafios enfrentados e a influência da experiência em suas trajetórias profissionais. Os resultados indicam que a maioria dos respondentes possui formação em Ciências Biológicas e Ciências Exatas e da Terra, tendo atuado no museu por períodos variados. A formação oferecida foi considerada relevante, mas poderiam ser aprimoradas. As atividades mais citadas incluíram participação em palestras, acompanhamento de mediações e visitas técnicas a outros museus. Entre as habilidades desenvolvidas, destacam-se a comunicação e mediação. Além disso, alguns participantes tiveram oportunidades de produção acadêmica relacionada ao museu. A pesquisa evidencia que os bolsistas que atuam no museu se veem como educadores museais e a importância dessa função na divulgação científica e no engajamento do público, ressaltando a necessidade de melhorias estruturais e pedagógicas para tornar as formações mais abrangentes e eficazes.

PALAVRAS-CHAVE: Divulgação Científica. Museu de Ciências. Educação Museal. Mediação.**ABSTRACT**

The study investigates the experience of working at the Museu Ciência e Vida from the perspective of museum education and the training of professionals involved in its activities, grounded in social and cultural concepts and phenomena, as well as scientific communication. Conducted through a questionnaire, the research sought to understand participants' perceptions of the training provided, the challenges faced, and the influence of the experience on their professional trajectories. The results indicate that most respondents have backgrounds in Biological Sciences and Exact and Earth Sciences, having worked at the museum for varying periods. The training offered was considered relevant, but many reported that resources were insufficient and that the programs could be improved. The most frequently mentioned activities included participation in lectures, monitoring mediations, and technical visits to other museums. Among the skills developed, communication and scientific mediation stand out.

Submetido em: 10/02/2025 – **Aceito em:** 23/02/2026 – **Publicado em:** 15/10/2026¹ Museu Ciência e Vida – Fundação Cecierj <https://orcid.org/0000-0001-7870-9579>² Universidade Federal do Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ - <https://orcid.org/0000-0002-1883-1406>³ Museu Ciência e Vida – Fundação Cecierj - <https://orcid.org/0000-0003-0802-7534>



Additionally, some participants had opportunities for academic production related to the museum. The research highlights that the scholarship holders working at the museum see themselves as museum educators and underscores the importance of this role in scientific dissemination and public engagement, emphasizing the need for structural and pedagogical improvements to make training programs more comprehensive and effective.

KEYWORDS: Scientific Communication. Science Museum. Museum Education. Mediation.

RESUMEN

El estudio investiga la experiencia de trabajo en el Museu Ciência e Vida, centrándose en la educación museal y la formación de los profesionales involucrados en sus actividades. Realizada a través de un cuestionario, la investigación buscó comprender las percepciones de los participantes sobre la capacitación brindada, los desafíos enfrentados y el impacto de la experiencia en sus trayectorias profesionales. Los resultados indican que la mayoría de los encuestados tienen formación en Ciencias Biológicas y Ciencias Exactas y de la Tierra, habiendo trabajado en el museo durante períodos variados. La capacitación ofrecida fue considerada relevante, pero muchos informaron que los recursos eran insuficientes y que los programas podrían mejorarse. Las actividades mencionadas con mayor frecuencia incluyeron la participación en conferencias, el seguimiento de mediaciones y visitas técnicas a otros museos. Entre las habilidades desarrolladas, destacan la comunicación y la mediación científica. Además, pocos participantes tuvieron oportunidades de producción académica relacionada con el museo. La investigación resalta la importancia de la educación museal en la divulgación científica y la participación del público, enfatizando la necesidad de mejoras estructurales y pedagógicas para hacer que los programas de formación sean más completos y efectivos.

PALABRAS CLAVE: Comunicación Científica. Museo de Ciencias. Educación Museal. Mediación.

INTRODUÇÃO

Os museus, historicamente, foram concebidos como espaços de preservação da memória coletiva, mas no contexto contemporâneo assumiram um papel central na educação e mediação do conhecimento. A educação museal consolidou-se como um campo específico, exigindo profissionais qualificados para atuar como mediadores entre o público e os acervos.

No Brasil, a educação museal tem sido estruturada como campo científico por meio da implementação de políticas como a Política Nacional de Educação Museal (PNEM), que representa um marco ao estabelecer um conjunto de diretrizes que tem como objetivo organizar, desenvolver, fortalecer e fundamentar o campo da educação museal no Brasil, por meio de orientações de práticas educacionais nas instituições museológicas, fortalecendo a dimensão educativa dos museus e contribuindo com a atuação dos educadores, reforçando a função educativa dos museus e sua integração com a sociedade (PNEM, 2021).

Pesquisas recentes, realizadas entre 2022 e 2023 pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), reuniu dados de mais de 1.150 profissionais da área, oferecendo um panorama sobre os perfis dos educadores, os tipos de ações desenvolvidas e os desafios enfrentados por diferentes



instituições museais. Os resultados da pesquisa estão contribuindo para um processo de revisão da PNEM, demonstrando o compromisso contínuo com a escuta ativa, a participação social e o aprimoramento das políticas públicas voltadas à educação museal (IBRAM, 2023).

O texto em tela propõe uma reflexão sobre o processo formativo que integra a atuação dos educadores museais do Museu Ciência e Vida (MCV), situado em Duque de Caxias. O processo de acolhimento e formação dos educadores é conduzido pelo setor educativo, iniciando com um curso básico sobre os conceitos mobilizados nas exposições e demais atividades, seguido de uma formação semanal para revisar os conceitos com outras perspectivas, bem como o desenvolvimento de atividades inéditas. Apresentamos, na perspectiva dos mediadores, como esse processo formativo foi constituído a partir da estrutura do setor educativo do museu, ressaltando as capacitações oferecidas e a consolidação do modelo de educação museal apresentado na Política Nacional de Educação Museal (PNEM). Para embasar essa análise, recorreremos a referenciais teóricos, apropriando-nos de conceitos e fenômenos sociais e culturais como *habitus* e *gosto de classe*, de Pierre Bourdieu, o *processo civilizatório* de Norbert Elias, além de obras fundamentais sobre educação museal e mediação em museus (Castro, 2019 e Marandino, 2005; 2008), que iluminam a compreensão sobre o papel dos museus na mediação do conhecimento e na formação de seus educadores.

O conceito de *habitus* e *gosto de classe* (Bourdieu, 1989) contribuíram para entender como os mediadores internalizam saberes e práticas institucionais. O primeiro relaciona-se a uma série de estruturas moldadas pelas experiências sociais, apresentadas em estilos de vida, gostos e preferências que influenciam as interações sociais e a forma de visão de mundo. Enquanto que o *gosto de classe* é uma manifestação visível do *habitus* que influencia a construção social do indivíduo refletindo o que cada classe gosta ou sabe. Isto é, o *habitus* gera e orienta o gosto e acabam por influenciar na construção da identidade de classe. Já o *processo civilizatório* de Elias (1990), destaca como os modos de comportamento foram sendo modificados e internalizados pelos sujeitos no decorrer do tempo levando a construções de padrões de comportamento socialmente construídos. Correlacionando aos conceitos de *habitus* e *gosto*, o processo civilizatório seria a base para construção desse *habitus*.

Cada mediador, educador museal, como indivíduo, desenvolve um *habitus* como resultado de sua própria trajetória de socialização, formação acadêmica e experiências de vida. Esse *habitus* influencia suas disposições, seus modos de ser, agir e pensar, e, consequentemente, sua forma de mediar. Além do *habitus*, o conceito de *gosto de classe* também se mostra relevante na análise da formação dos mediadores. Em uma sociedade marcada por desigualdades educacionais, o acesso ao conhecimento museológico e científico não ocorre de maneira uniforme. O *gosto de classe* influencia a forma como os mediadores constroem suas práticas pedagógicas, pois suas



experiências prévias e seus repertórios culturais determinam, em grande parte, sua relação com o saber científico e a maneira como interagem com o público (Bourdieu, 1989), corroborando o *processo civilizatório* de Elias (1990) na medida em que envolve a incorporação de códigos, normas e práticas próprias ao campo institucional do museu.

O MCV é um museu de ciência vinculado à Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro - Fundação CECIERJ, tem como missão tornar a cultura, a ciência e a arte mais acessíveis a todos. Seu desafio é despertar nos visitantes sentimentos, curiosidades e provocar experiências que os levem a enxergar o conhecimento de um jeito novo e ampliando seu repertório. Por meio da interatividade, cada pessoa é convidada a explorar, experimentar e fazer suas próprias descobertas. Em funcionamento desde julho de 2010, o MCV oferece gratuitamente uma programação diversificada, que vai além das exposições permanentes e temporárias. Entre as ações desenvolvidas, destacam-se oficinas voltadas para a formação de professores, programas de atendimento especializado para diferentes grupos, oficinas de robótica, atividades lúdico-educativas, cineclube, palestras, seminários e sessões de planetário, onde o debate e a experimentação são essenciais para o envolvimento com os conteúdos de forma crítica e participativa. Essas iniciativas reforçam o compromisso institucional com a democratização do acesso à cultura, à ciência e à educação.

Nesta perspectiva, desde sua inauguração, o MCV tem incorporado a mediação humana⁴ em seus espaços expositivos, promovendo um processo contínuo de qualificação e adaptação às demandas educacionais do museu. Essa formação não se limita à disseminação teórica de conteúdo, mas envolve uma imersão prática, na qual os mediadores vivenciam as dinâmicas do espaço museal, aprendem a conduzir atividades interativas e a dialogar com diferentes públicos corroborando as diretrizes da PNEM (2021) de formar uma rede de educadores preparados para estimular a curiosidade, o pensamento crítico e o gosto pela ciência, no sentido de “promover o profissional de educação museal, incentivando o investimento na formação específica e continuada de profissionais que atuam no campo”(PNEM,2021). Ou seja, a formação dos mediadores não se limita à transmissão de conteúdo, mas envolve um repertório de estratégias pedagógicas para promover pensamento crítico e inclusão social. No entanto, a estrutura institucional das capacitações nem sempre coincide com as expectativas e experiências dos mediadores, evidenciando que as formações não acontecem de forma linear, mas são atravessadas por conflitos entre as perspectivas institucionais e a agência pessoal dos educadores.

⁴ O MCV entende mediação humana de acordo com Marandino, 2008 e Cazelli, 2005, onde a mediação é entendida como a ação comunicativa realizada por indivíduos com o objetivo de promover a interlocução entre o público e o objeto expositivo estimulando a reflexão crítica e a construção do conhecimento.



A pesquisa foi desenvolvida com os educadores que atuaram no MCV durante seus 15 anos de história. Realizamos uma busca ativa desses personagens por meio de contato via *e-mail*, redes sociais e ligação telefônica para que eles respondessem um questionário *on-line*. Com este estudo buscamos compreender, se e como, as formações estruturadas pelo museu atendem às necessidades dos mediadores e suas trajetórias individuais e como eles se veem no campo da Educação em Museus. Acreditamos que formação de mediadores em museus de ciência não é um evento isolado, mas um processo contínuo de incorporação de disposições, refinamento de práticas e apropriação de repertórios simbólicos, moldado pelas hierarquias institucionais e pelas trajetórias individuais dos agentes envolvidos.

METODOLOGIA

Enquanto método de pesquisa, nos propusemos a fazer uma hibridez entre a chamada pesquisa quantitativa e qualitativa, desenvolvemos um questionário estruturado, composto por perguntas fechadas e abertas. Essa escolha metodológica se deu pela necessidade de obter dados quantificáveis, que permitissem uma análise comparativa e a identificação de padrões nas percepções dos participantes.

As perguntas foram elaboradas de modo a captar indicadores-chave sobre as formações oferecidas, buscando responder se elas geraram mudanças efetivas na atuação dos educadores, seja no aprimoramento de suas práticas pedagógicas, no aprofundamento dos conteúdos científicos abordados ou no fortalecimento de sua relação com os públicos atendidos. A opção por questões fechadas nos permitiu coletar respostas padronizadas, possibilitando a identificação de tendências gerais. Assim, o questionário tornou-se uma ferramenta essencial para orientar futuras ações formativas no MCV, alinhando-as às necessidades dos educadores (Gil, 2010).

O instrumento de pesquisa, foi construído no *googleforms*, com 20 perguntas, 4 abertas e 16 fechadas, distribuídas em blocos temáticos, abordando o perfil dos participantes (local de moradia, escolaridade, área de formação); a relação com o MCV (tempo de atuação no MCV, atuação em outros espaços científicos culturais, tipo de vínculo com o espaço); a formação e suas contribuições (participação em atividades para além da mediação, diferentes tipos de formação, contribuição para o desenvolvimento profissional, competências e habilidades desenvolvidas durante as formações recebidas); percepção sobre a formação (estrutura e recursos oferecidos pelo museu, produção acadêmica, participação em eventos); momento atual (atuação profissional, aprimoramento das formações em espaços museais, compressão sobre a atuação no MCV e experiência, integração e percepção sobre educação museal).



Os respondentes foram acionados por e-mail, por contato direto com ex-colaboradores e por meio de redes institucionais. Buscou-se alcançar todos os mediadores que estiveram no museu ao longo desses 15 anos. Nesse período de atuação participaram da mediação no MCV aproximadamente 150 mediadores. Foi enviado e-mail para 129 mediadores que estavam no banco de dados do MCV. No entanto, muitos contatos são antigos e provavelmente estão desatualizados, frustrando a tentativa de inclusão de todo o quantitativo de mediadores.

O questionário é anônimo e esteve disponível para participação/respostas entre os dias 5 de dezembro de 2024 e 20 de janeiro de 2025, prazo estipulado pelos autores para o aceite de respostas. Ao final do período de coleta, foram obtidas 62 respostas, cujos participantes foram codificados como M1 a M62. É importante ressaltar que o questionário foi enviado para todos os contatos da mala direta de mediadores do MCV, incluindo o grupo mais recente, que passou a integrar a equipe em julho de 2024.

Os dados obtidos das questões abertas foram analisados com base na técnica de análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) proposto por Lefevre (2017). As categorias de análise das respostas discursivas foram definidas a partir de uma abordagem dedutiva, emergindo da leitura e interpretação do conteúdo fornecido pelos próprios participantes. As respostas fechadas foram organizadas e tratadas por meio do software Excel, utilizado para a formatação e tabulação dos dados.

Essa abordagem metodológica, que combina técnicas quantitativas e qualitativas, não apenas aprofunda a análise investigativa, mas também amplia a compreensão do fenômeno estudado, evidenciando as complexas interações entre estrutura e agência, norma e transgressão, tradição e inovação. Essa confluência epistemológica possibilita um aprofundamento essencial para compreender como os sujeitos reconstroem e ressignificam seus sistemas simbólicos em meio às forças estruturais que os atravessam.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Há, nos interstícios do tempo, uma história que se escreve não apenas pelas mãos dos cronistas, mas pela experiência vivida, pelo aprendizado silencioso que transforma cada sujeito em testemunha e protagonista. O MCV, na sua tessitura pedagógica, não é apenas um repositório de objetos ou um palco para exposições; é um território de formação, onde os educadores não somente discutem os conceitos abordados no espaço, mas o forjam, na argila do cotidiano e na chama do encontro com o público.

Durante o período em que atuaram/atua no MCV, os participantes da pesquisa estavam/estão distribuídos entre diferentes municípios da Baixada Fluminense, da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e entorno.

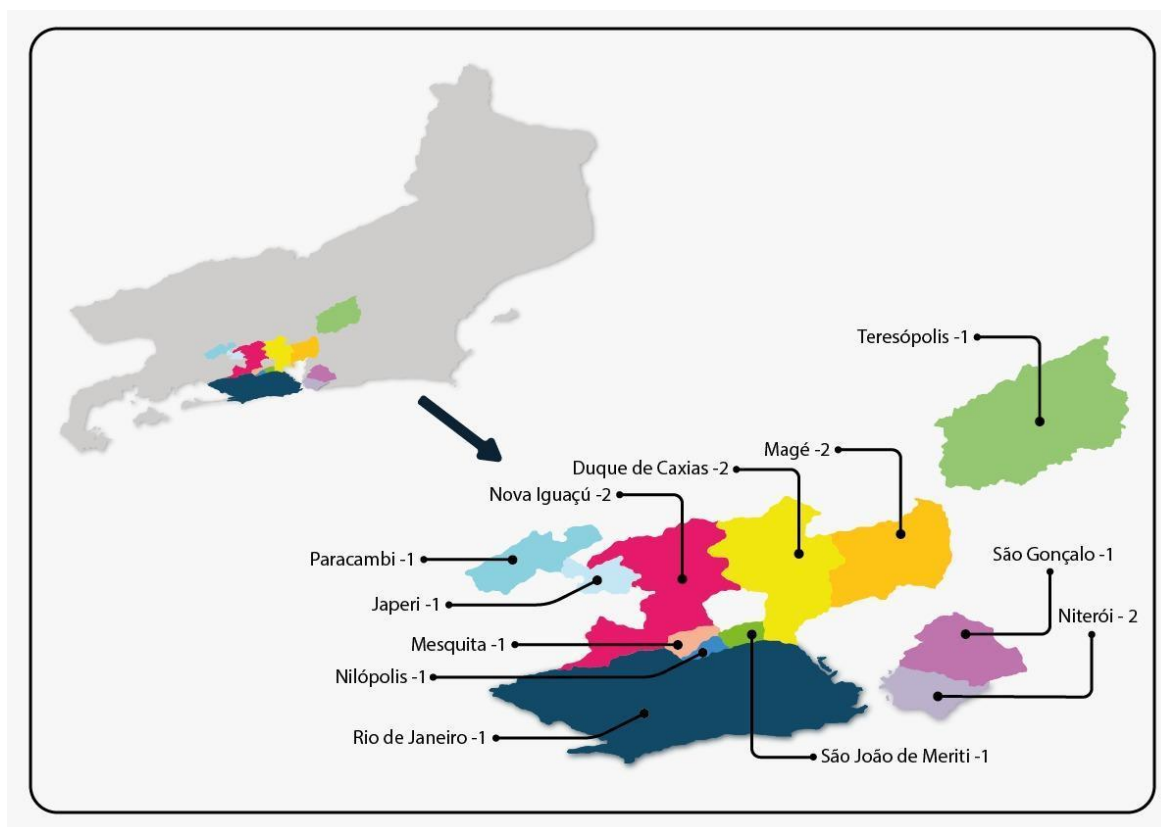


Figura 1. Distribuição geográfica da procedência dos participantes da pesquisa.

Fonte: os autores

Essa distribuição territorial, obtida na questão: Em qual município você reside/residia durante o período em que atuou no Museu Ciência e Vida?, não é meramente uma constatação espacial, mas um indício das relações estruturais que configuram o campo de atuação desses mediadores. A concentração de 16 profissionais em Duque de Caxias não se dá ao acaso, mas reflete a ancoragem do museu em uma lógica de proximidade que reforça seu papel enquanto instância formadora, caracterizando como uma ação de território. No entanto, a presença expressiva de 26 mediadores oriundos do Rio de Janeiro indica que o MCV não opera apenas como um equipamento local, mas se projeta para além das fronteiras municipais, consolidando-se como uma referência formativa para toda a região metropolitana.

Esses dados revelam a relevância do MCV como um centro de capital cultural que ultrapassa os limites administrativos da Baixada Fluminense e se inscreve no panorama cultural mais amplo

do Rio de Janeiro. Embora a cidade do Rio possua uma vasta rede de equipamentos culturais e científicos, o museu assume um papel estratégico na formação de mediadores, oferecendo não apenas qualificação, mas também oportunidades concretas de atuação e bolsas para profissionais que encontram ali um espaço singular de inserção e crescimento. Assim, a presença de educadores oriundos da capital evidencia a excelência do MCV enquanto instituição formadora, além de sua capacidade de se afirmar como um polo de difusão do conhecimento para diferentes segmentos do campo educacional. (Bourdieu, 1989)

No que se refere ao perfil acadêmico, as respostas das questões: Qual é o seu grau de escolaridade? e Qual é sua área de formação acadêmica?, percebemos uma diversidade de níveis de formação, refletindo a heterogeneidade dos profissionais que compõem o espaço museal. No que se refere ao grau de escolaridade, podemos observar no Gráfico 1 a diversidade de níveis de formação, onde se destaca um perfil bastante qualificado, onde a maioria dos respondentes possui pós-graduação ou está cursando.

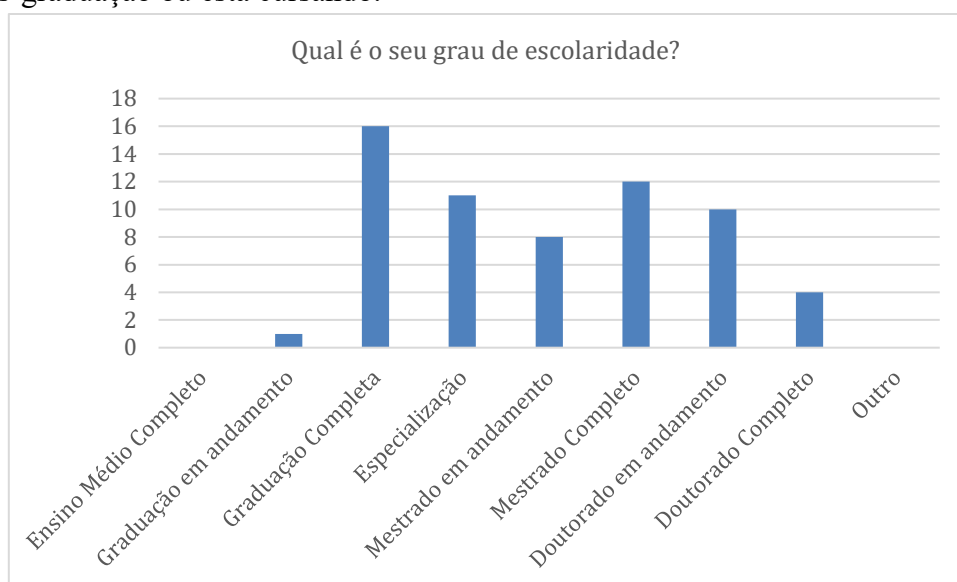


Gráfico 1 - Respostas à questão 2 - Qual é o seu grau de escolaridade? Respostas possíveis: Ensino Médio Completo, Graduação em andamento, Graduação Completa, Especialização, Mestrado em andamento, Mestrado Completo, Doutorado em andamento, Doutorado Completo, outros.

Fonte: os autores

No que se refere a área de formação, observa-se no gráfico 2, uma distribuição diversificada entre diferentes campos do conhecimento, com prevalência de biólogos seguidos de profissionais das ciências humanas, refletindo o caráter interdisciplinar da instituição. Essa variedade pode ser vista, ao mesmo tempo, como uma fraqueza e como uma fortaleza. Ela aponta para a necessidade de uma abordagem interdisciplinar na mediação, que pode ser uma fraqueza pois torna o processo mais complexo, mas por outro lado possibilita que a comunicação da ciência seja acessível e

instigante para diferentes públicos. A mediação partindo da perspectiva de pessoas com formações tão variadas torna o processo dialógico entre o educador e o visitante diverso e rico, se caracterizando como um porto forte do museu. A diversidade na formação do indivíduo, que inclui diferentes experiências acadêmicas, profissionais, culturais ou de vida, contribui diretamente para a constituição do *habitus*. Cada experiência, cada aprendizado escolar ou não escolar, cada ambiente social em que o indivíduo esteve inserido, contribui para a sua formação enquanto indivíduo.

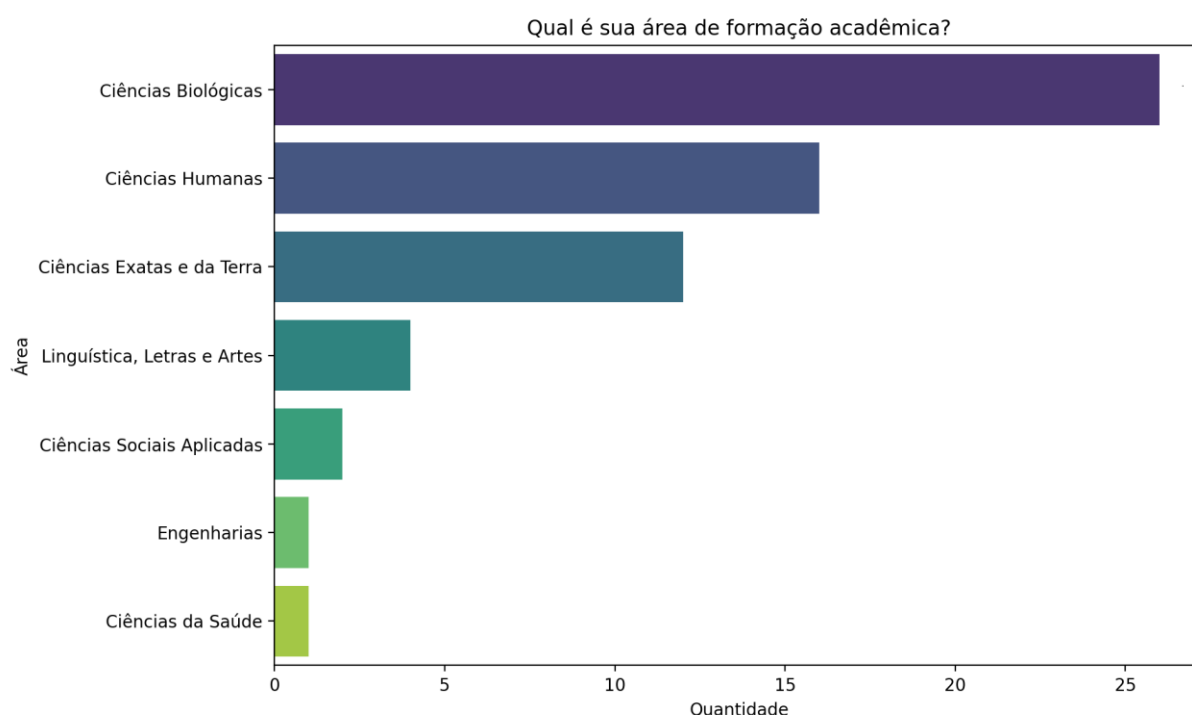


Gráfico 2. Resposta à questão: “Qual a sua área de formação acadêmica?” Possíveis respostas: Ensino Médio Completo, Graduação em andamento, Graduação Completa, Especialização, Mestrado em andamento, Mestrado Completo, Doutorado em andamento, Doutorado Completo, Outros.

Fonte: os autores

Na questão, “Há quanto tempo você atuou ou atua no Museu Ciência e Vida?”, buscamos saber quando o educador passou a integrar o MCV e seu tempo de permanência no Museu Ciência e Vida. Entendemos esse tempo não apenas como duração ou período de estadia no MCV, mas como acúmulo de experiências de cada respondente em sua trajetória de trabalho, incluindo a formação inicial e continuada, bem como o exercício diário da mediação. As respostas observadas apontam para uma diversidade, desde aqueles que atuaram por menos de um ano até mediadores com mais de 10 anos de dedicação, ressaltando a renovação constante de equipes e também a permanência de colaboradores mais experientes. A prevalência de respostas de educadores que atuaram no MCV de 2 a 5 anos, permite entendermos os dados numa perspectiva

temporal, na medida em que a gestão também evolui e se aperfeiçoa no contato diário com educadores em um processo de retroalimentação.

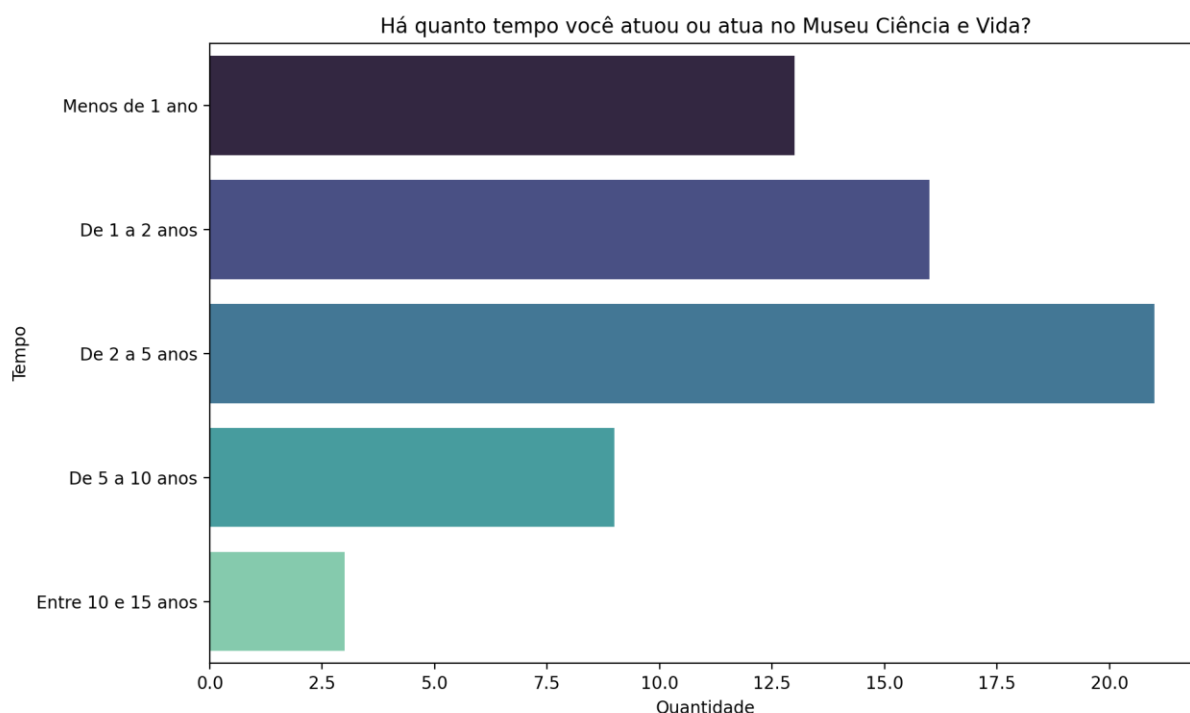


Gráfico 3. Resposta à questão: “Há quanto tempo você atuou ou atua no Museu Ciência e Vida?”

Respostas possíveis: Menos de 1 ano, De 1 a 2 anos, De 2 a 5 anos, De 5 a 10 anos, Entre 10 e 15 anos.

Fonte: os autores

De acordo com Marandino (2008, p.29) a formação dos mediadores “se dá no cotidiano das ações educativas do museu” e por meio da “formação continuada via um mediador tutor ou orientador”, que neste caso pode ser considerado como o mediador com maior tempo de experiência no museu. Além disso, o mediador desenvolve um *habitus* profissional, construído pelo seu tempo de permanência, diferentes vivências e na interação com diversos públicos. Por meio do *habitus* profissional da mediação, o mediador atua como um agente que tenta envolver as disposições sociais, gostos e conhecimentos dos diversos públicos, promovendo uma forma de sociabilidade que, mesmo de forma simples, influencia a maneira como o público internaliza os conhecimentos e conteúdos presentes (Setton, 2018).

No caráter institucional, a existência de um grupo de educadores com experiência prolongada, acima de cinco anos, sugere que o MCV tem se consolidado como um espaço de desenvolvimento contínuo, mas também levanta questões sobre como a instituição renova suas abordagens formativas para atender tanto a educadores recém-chegados quanto àqueles que já possuem experiência na mediação. Esse panorama abre espaço para análises mais aprofundadas



sobre a permanência dos profissionais no museu, os desafios enfrentados ao longo dos anos e a maneira como as formações são estruturadas para dialogar com diferentes níveis de experiências.

Em relação à experiência profissional dos educadores do MCV em outras instituições científicas, as respostas à pergunta “Em quais museus de ciências você já atuou?” revelam a diversidade de trajetórias e vivências em diferentes espaços museais. Ressaltamos que esta questão permitia a seleção de mais de uma alternativa, o que possibilita identificar as experiências acumuladas pelos participantes. No entanto, uma dessas opções colocava o MCV como único espaço de atuação (Não atuei em nenhum museu, além do Museu Ciência e Vida), com o objetivo de evidenciar o MCV como espaço inicial de formação. Observamos nas respostas que o MCV é citado como o principal espaço de atuação, e uma parcela expressiva dos educadores declara não ter atuado em nenhum outro museu além do MCV, contudo outros espaços como o Museu da Vida Fiocruz (15) e o Espaço Ciência Viva (9) também aparecem entre as respostas. Na categoria outros foram citados isoladamente outros museus, como por exemplo o Museu Ciências da Terra e o Espaço Memorial Carlos Chagas Filho. Acreditamos que ao servir como porta de entrada para a educação museal, o MCV assume uma função estruturante na formação desses profissionais, proporcionando um ambiente de aprendizagem que estimula tanto o desenvolvimento de competências técnicas quanto o aprofundamento de reflexões sobre o papel da mediação (Marandino, 2008). Além disso, a experiência adquirida em atuações em outros espaços científicos favorece a troca de práticas, metodologias e abordagens educativas fortalecendo o papel da mediação em museus.

Em quais museus você já atuou?

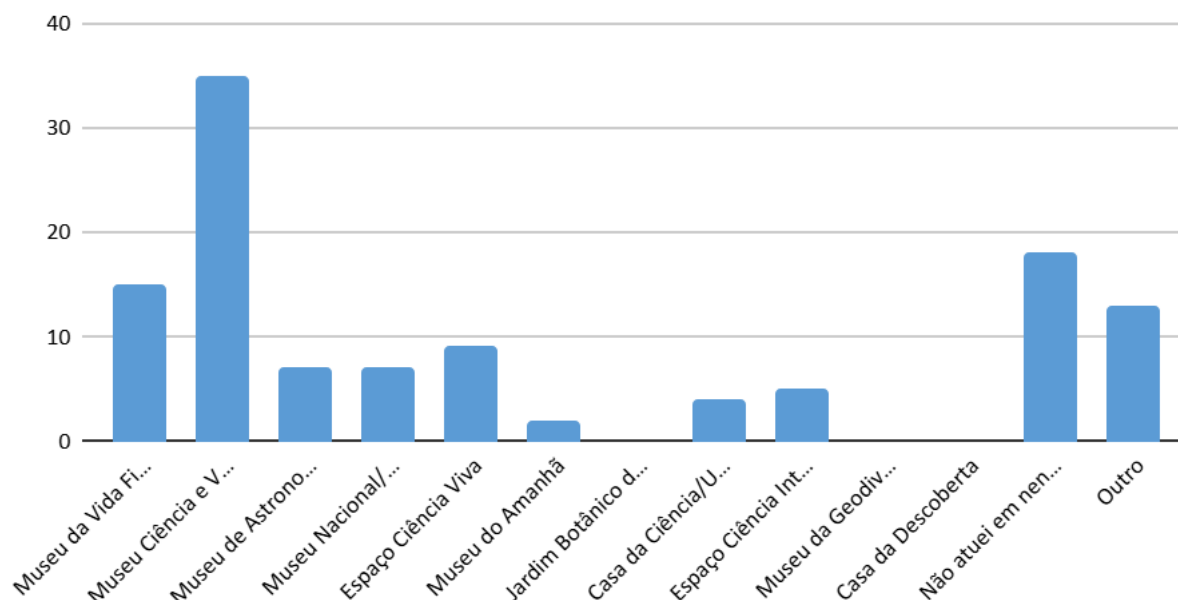


Gráfico 4 - Resposta à questão: Em quais museus de ciência você já atuou? A pergunta admitia múltiplas respostas. As opções de resposta foram: Museu da Vida Fiocruz (Fiocruz), Museu Ciência e Vida (Fundação Cecierj), Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), Museu Nacional/UFRJ, Espaço Ciência Viva, Museu do Amanhã, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Casa da Ciência/UFRJ, Espaço Ciência Interativa, Museu da Geodiversidade (UFRJ), Casa da Descoberta, Não atuei em nenhum museu, além do Museu Ciência e Vida, Outros.

Fonte: os autores

Quanto ao vínculo institucional com o MCV, perguntamos aos participantes qual teria sido sua relação institucional ao atuar no Museu Ciência e Vida (MCV), o maior grupo identificado foi o de bolsistas, abrangendo 61 educadores que estiveram ligados a diferentes programas de apoio à formação e à divulgação científica. Dentro desse grupo, há bolsas concedidas por instituições como Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - Faperj. Essas bolsas estão associadas a projetos de pesquisa ou de Divulgação Científica coordenado pelo corpo efetivo do MCV.

Para além das exposições, o MCV tem uma gama de atividades onde a mediação tem protagonismo, como por exemplo, as oficinas de férias e de formação de professores, além da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT). Como parte da formação dos mediadores do MCV espera-se que estes proponham, desenvolvam e executem oficinas para os momentos

citados anteriormente. A formação dos mediadores é um processo abrangente que vai muito além da simples absorção de conteúdos teóricos presentes nas exposições. Ela envolve a internalização de uma pedagogia específica que orienta não apenas o conhecimento, mas também a postura e as práticas do profissional. Essa pedagogia é crucial para moldar a maneira como o mediador se relaciona com os visitantes, promovendo interações significativas e engajadoras (Marandino, 2008). Neste sentido, buscamos compreender o envolvimento dos mediadores na formação para atividades, questionando se eles haviam participado de ações voltadas especialmente para a elaboração de oficinas.

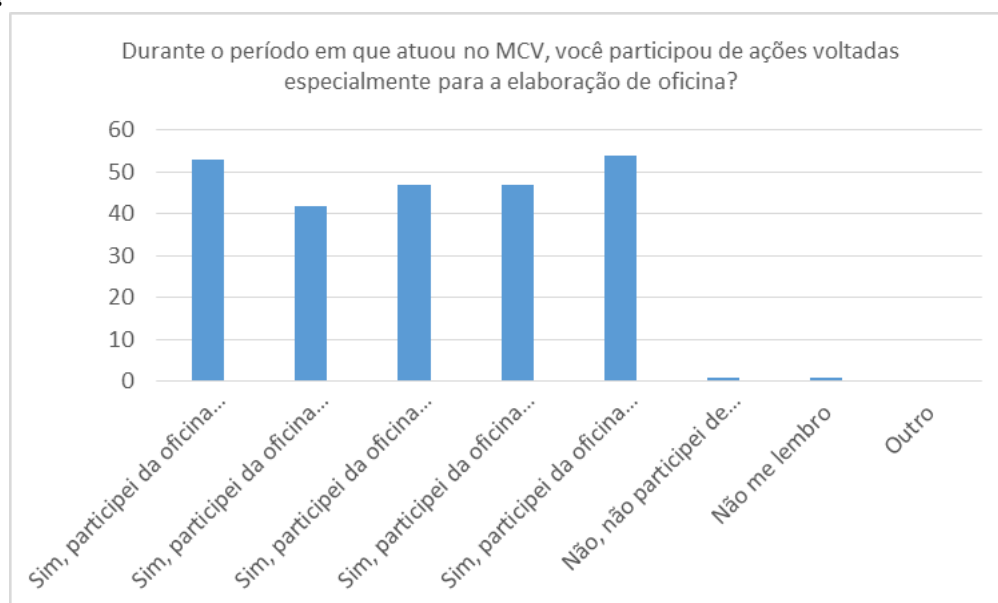


Gráfico 5. Distribuição das respostas da pergunta: Durante o período em que atuou no Museu Ciência e Vida, você participou de ações voltadas especialmente para a elaboração de oficinas? As opções de resposta são: Sim, participei da oficina na sugestão de temas; Sim, participei da oficina na pesquisa do tema; Sim, participei da oficina na elaboração do roteiro; Sim, participei da oficina na elaboração de materiais; Sim, participei da oficina na apresentação; Não, não participei de ações relacionadas à elaboração de oficinas; Não, me lembro.

Fonte: os autores

A participação dos educadores do MCV na elaboração de oficinas demonstra o papel central dessas atividades na estratégia educativa da instituição. Os dados apontam para um forte compromisso dos mediadores do MCV com o desenvolvimento de oficinas como ferramentas essenciais na mediação corroborando Marandino (2008, p.5) “da crescente importância dada ao trabalho dos mediadores nos museus e, por outro, da certeza de que é necessário investir cada vez mais na sua formação”. A diversidade de etapas mencionadas indica que a concepção dessas atividades envolve múltiplas competências e formas de contribuição, fortalecendo o caráter colaborativo e dinâmico da prática educativa no museu, ressaltando um espaço institucional que incentiva a autonomia criativa dos educadores, permitindo que suas experiências e formações

acadêmicas se traduzam em propostas inovadoras para o público visitante, o mediador não apenas aplica roteiros, mas os cria, desenvolve e os executa, tornando-se “elementos orientadores de suas próprias práticas”. (Marandino, 2008, p.21). Desta forma, acreditamos que a percepção dos mediadores sobre as formações oferecidas pelo MCV constitui um aspecto fundamental para evidenciar o processo formativo da instituição.

Em continuidade a esta questão, procuramos destacar a perspectiva dos mediadores a respeito da formação que receberam durante a sua permanência no MCV questionando se haviam recebido capacitações ou formações específicas para desenvolver suas atividades.

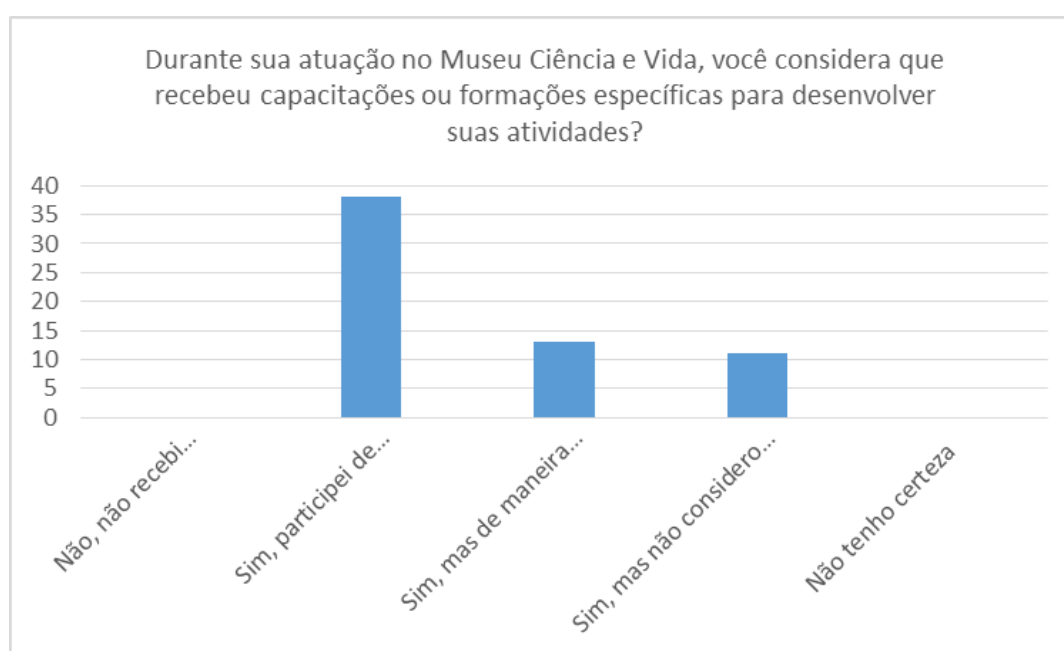


Gráfico 6. Distribuição das respostas da questão: Durante sua atuação no Museu Ciência e Vida, você considera que recebeu capacitações ou formações específicas para desenvolver suas atividades?

Respostas possíveis: Não, não recebi nenhuma formação ou capacitação ao longo da minha atuação, Sim, participei de capacitações/formações específicas e contínuas, Sim, mas de maneira esporádica, Sim, mas não considero que foram suficientes, Não tenho certeza.

Fonte: os autores

Entre os respondentes, observamos uma concentração de respostas que afirmam ter recebido capacitações ou formações específicas/contínuas, um pouco mais da metade dos respondentes, enquanto que uma parcela menor, da ordem de 20%, indicou não ter participado de treinamentos estruturados ou consideraram que a formação recebida foi insuficiente para atender plenamente às exigências da mediação. A depender do vínculo institucional e da duração da permanência no museu, pode haver desigualdades no acesso a treinamentos, o que impacta a uniformidade da qualificação entre os mediadores. Além disso, os dados nos fizeram questionar a profundidade e a adequação dos conteúdos abordados nesses processos formativos: até que ponto as capacitações

oferecidas contemplam tanto aspectos técnicos quanto pedagógicos da mediação? Existe um acompanhamento contínuo para assegurar que os conceitos mobilizados no museu sejam efetivamente aplicados no cotidiano dos mediadores?

Essa disparidade na percepção sobre a formação oferecida sugere a necessidade de um olhar mais atento sobre a organização e o acesso às capacitações no MCV, ou seja, a formação ofertada pelo MCV, não se configura apenas como uma questão de logística ou organização interna, ela aponta para a forma de como as questões institucionais relacionadas às fragilidades mediação influenciam na construção do *habitus* dos mediadores. Além disso, as respostas indicam que, apesar do compromisso da instituição com a qualificação dos mediadores, há espaços para aperfeiçoamento, especialmente no que se refere à estruturação de programas formativos contínuos, que dialoguem com a diversidade de experiências e formações acadêmicas dos educadores.

Dando continuidade aos aspectos formativos, buscamos ressaltar as diversas formações oferecidas pelo MCV, na percepção dos mediadores questionando sobre os tipos de capacitações ou formações recebidas durante a permanência no museu.

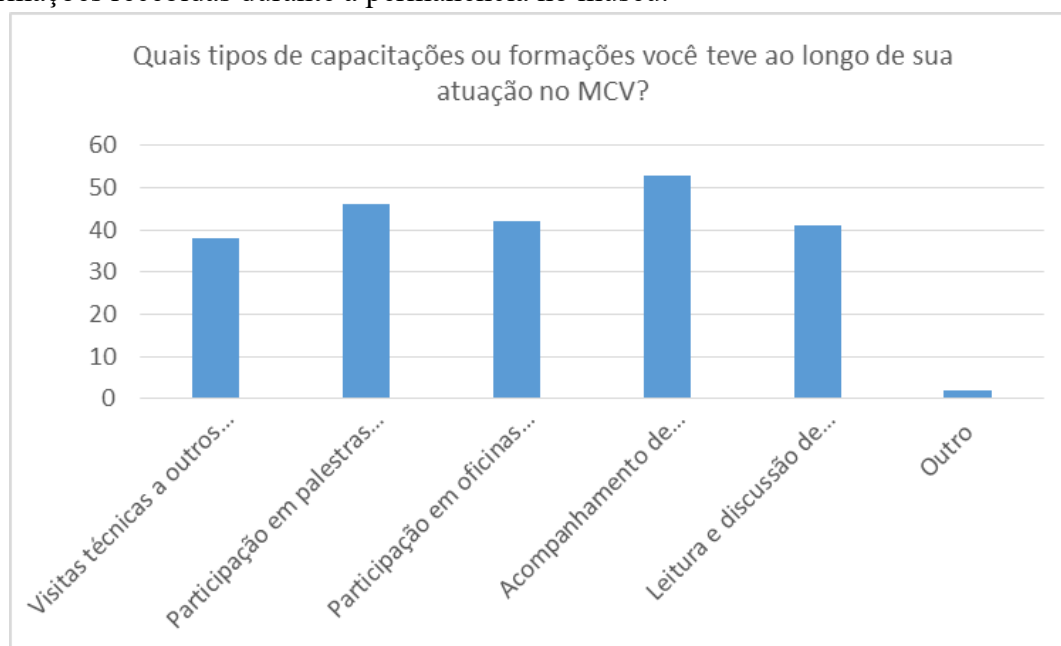


Gráfico 7. Distribuição das respostas acerca das capacitações realizadas no MCV. Respostas à pergunta: Quais tipos de capacitações e formações você teve ao longo de sua atuação no MCV? A pergunta admitia múltiplas respostas. As opções de resposta são: Visita técnica a outros museus; Participação em palestras e conferências; Participação em oficinas práticas; Acompanhamento de mediações realizadas por profissionais mais experientes; Leitura e discussão de artigos acadêmicos e materiais de apoio; Treinamento com o projetor do planetário, tanto digital quanto analógico; Troca de saberes entre mediadores; Visitei outros museus, mas por conta própria.



Fonte: os autores

Observamos que a modalidade “acompanhamento de mediações por profissionais mais experientes” e participação em palestras e conferências” foram as mais frequentes, indo ao encontro das considerações de Marandino (2008, p.28), quando enfatiza que as habilidades de um mediador podem ser aprendidas, e que “observar outros profissionais atuando, analisando como lidam com as situações não previstas, o que dá certo, os desafios, é uma excelente estratégia de formação”. Além disso, dialoga com socialização profissional influenciando sua percepção e apropriação de conhecimentos, de forma que o mediador aprende na prática os diversos modelos de mediação adaptados aos contextos dos espaços expositivos. A superioridade dessas categorias aponta para uma formação que equilibra prática e teoria. As modalidades “Visitas técnicas a outros museus, Participação em oficinas práticas e Leitura e discussão de artigos acadêmicos e materiais de apoio” têm particularidades complementares alinhando-se também as discussões apontadas por Marandino (2008) ao propor atividades que explorem o setor educativo de outros espaços museais.

A participação em diferentes contextos e práticas contribuem para a formação do *habitus*. O mediador não apenas observa novas práticas como as compara com as de sua instituição, o que amplia a percepção sobre seu papel como mediador e a importância da mediação em museus. Podemos inferir que as modalidades citadas em “outros” referem-se às formações individuais, de programas específicos que o MCV oferece, ou de interesse pessoal. Como por exemplo, a formação de planetaristas. Desta forma, o conjunto de respostas obtidas indicam que há uma formação que equilibra prática, teoria, observação e aprofundamento teórico, fatores que contribuem para uma formação adequada em educação museal (PNEM, 2021). Complementando essa informação, observamos os dados que indicavam qual seria o grau de contribuição de alguns itens citados anteriormente para o desenvolvimento profissional do mediador, corroborando que o acompanhamento de mediações realizadas por outros mediadores mais experientes tem forte contribuição para formação entre os respondentes.

Como você avalia a contribuição dos seguintes itens para o seu desenvolvimento profissional no Museu Ciência e Vida?

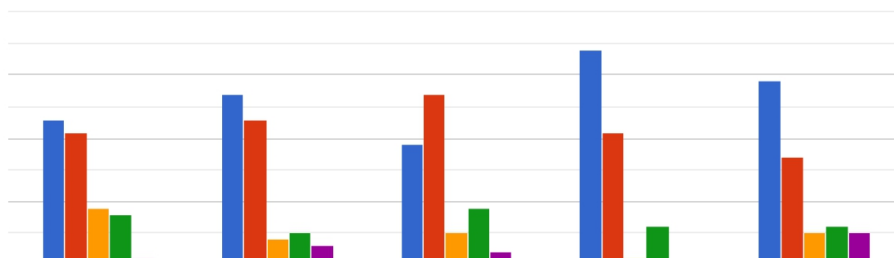


Gráfico 8. Distribuição das respostas acerca do grau de satisfação das contribuições para o desenvolvimento profissional no MCV. Itens avaliados: Visitas técnicas a outros museus; Contribuição da participação em palestras e conferências, oferecidas no museu ou recomendadas; Participação em oficinas oferecidas por terceiros; Acompanhamento de mediações realizadas por profissionais mais experientes; Leitura e discussão de artigos acadêmicos e material de apoio.

Fonte: os autores

Partindo da percepção sobre as formações oferecidas procuramos entender quais competências e habilidades os participantes entendem que adquiriram ao participar do quadro de mediadores do MCV. Para tanto, foi proposta a questão: Quais competências ou habilidades você considera que desenvolveu durante as capacitações/formações no Museu Ciência e Vida?, nesta questão era possível marcar mais de uma resposta.

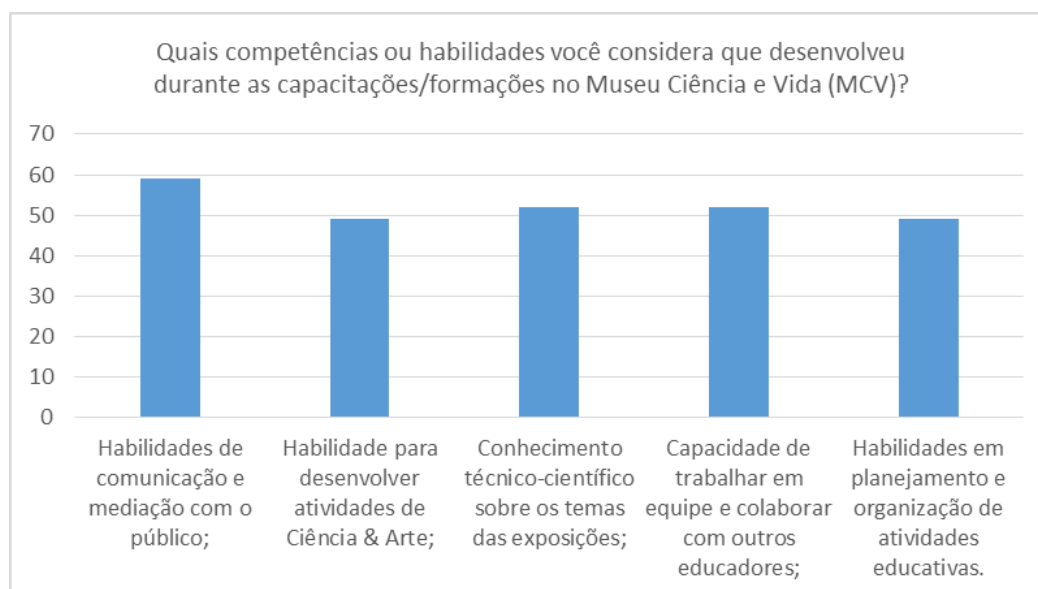


Gráfico 9 - Distribuição das respostas acerca das habilidades e competências. Respostas à pergunta: Quais competências ou habilidades você considera que desenvolveu durante as capacitações/formações



no Museu Ciência e Vida? Possíveis respostas: Habilidades de comunicação e mediação com o público; Habilidade para desenvolver atividades de Ciência & Arte; Conhecimento técnico-científico sobre os temas das exposições; Capacidade de trabalhar em equipe e colaborar com outros educadores; Habilidades em planejamento e organização de atividades educativas.

Fonte: os autores

Observamos que “Habilidades de comunicação e mediação com o público” foi a mais destacada, resultado que dialoga bastante com as discussões trazidas por Marandino (2008), quando destaca o papel dos mediadores nos museus: “*são eles que concretizam a comunicação da instituição com o público e propiciam o diálogo com os visitantes acerca das questões presentes no museu, dando-lhes novos significados*”(Marandino, 2008, p.28). Além disso, o desenvolvimento dessa habilidade contribui para a consolidação do *habitus* do mediador, uma vez que permite que ele se torne, de acordo com Bourdieu (1997) *apud* Setton (2018, p.15):

(..) agente um poder gerador e unificador, construtor e classificador, lembrando ao mesmo tempo que essa capacidade de construir a realidade social, ela é socialmente construída não é a de um sujeito transcendental, mas a de um corpo socializado, investindo na prática princípios organizadores socialmente construídos e adquiridos no decorrer de uma experiência social situada e datada.

As demais competências e habilidades destacadas nos dados revelam a importância da formação continuada e diversificada que o MCV propõe, transformando os mediadores em indivíduos capazes de atuar nos espaços expositivos de forma clara, acessível, reflexiva e adaptável às demandas do ambiente museal (Castro, 2019). Essa percepção é corroborada quando perguntamos aos participantes como ele avalia a estrutura e os recursos oferecidos pelo MCV para sua formação e atuação no espaço museal. Entre os 62 respondentes, 41 apontam que as estruturas e recursos oferecidos foram excelentes e bons, 17 que foram regulares e apenas 4 dizem que foram insuficientes. Atribuímos os valores correspondentes aos recursos regulares ou insuficientes podem estar ligados às formações direcionadas aos mediadores que estiveram no MCV por pouco tempo, como as respostas foram anônimas não é possível identificá-los e fazer essa associação direta.

Dando continuidade aos estudos de formação de mediadores no MCV, questionamos aos participantes se, no decorrer de sua trajetória, ele teve oportunidades de desenvolver produções acadêmicas ou participar da produção e organização de eventos. As respostas obtidas indicam uma variação na experiência de cada mediador quanto à produção e disseminação do conhecimento dentro e fora do museu. Ainda que uma parcela de resposta, menos de um quarto, se refira a não ter tido oportunidades, parte significativa diz ter tido algum envolvimento em diferentes formas de contribuição tanto acadêmica quanto em organizações. O que revela que as formações do MCV não se limitam apenas à formação da mediação em exposições, mas

oferece uma formação mais ampla, incentivam os mediadores a participarem de todos os processos de produção do museu e seus desdobramentos, como por exemplo, organizando eventos, apresentando trabalhos ou escrevendo artigos. Essa prática está totalmente em consonância com as propostas de valorização da mediação em museus e seus mediadores, além de contribuir fortemente para ampliação do repertório e o desenvolvimento do *habitus*, o que transforma o mediador em um agente ativo na expansão do campo de educação em museus (Castro, 2019; PNEM, 2021).

A depender do tempo de atuação e do nível de envolvimento nas atividades institucionais, alguns profissionais conseguem se engajar em iniciativas mais acadêmicas, enquanto outros permanecem restritos às atividades expositivas/ mediação. O que torna pertinente refletir institucionalmente sobre estratégias que possam ampliar o acesso dos mediadores a projetos de pesquisa, escrita acadêmica e participação em eventos científicos. Acreditamos que o fortalecimento de uma cultura institucional que valorize a produção acadêmica pode contribuir para consolidar cada vez mais o MCV como um espaço de pesquisa em Educação em Museus que fomenta a construção e a circulação da educação museal entre seus próprios educadores e a comunidade acadêmica.

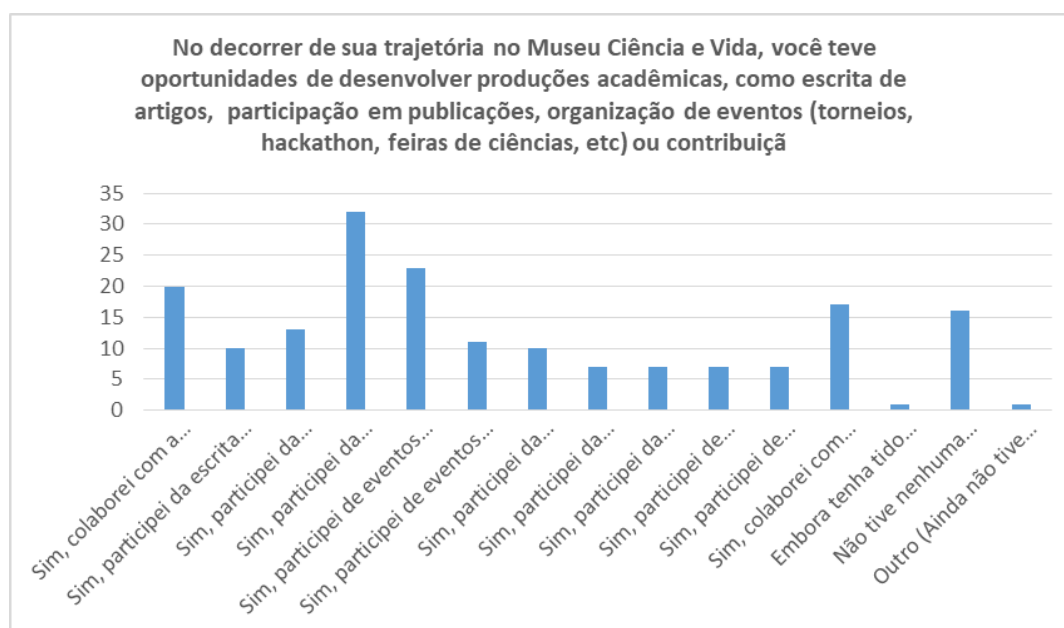


Gráfico 10. Distribuição das respostas acerca do envolvimento dos mediadores em diversas produções do MCV. Pergunta: No decorrer de sua trajetória no Museu Ciência e Vida, você teve oportunidades de desenvolver produções acadêmicas, como escrita de artigos, participação em publicações, organização de eventos (torneios, hackathon, feiras de ciências, etc) ou contribuição em eventos científicos (congresso, simpósio, etc)? (pode marcar mais de uma respostas) Possíveis respostas: Sim, colaborei com a produção de artigos para revistas, publicações, contribuí com a organização de eventos, participei de eventos científicos como ouvinte e apresentando trabalhos; Sim, participei da escrita de artigos para



revistas científicas; Sim, participei da elaboração de publicações; Sim, participei da organização de eventos; Sim, participei de eventos científicos como ouvinte; Sim, participei de eventos científicos apresentando trabalho; Sim, participei da elaboração de artigos e outras publicações; Sim, participei da elaboração de artigos e contribui com organização de eventos; Sim, participei da elaboração de artigos e textos para eventos científicos; Sim, participei de publicações e organização de eventos; Sim, participei de publicações outros textos para eventos científicos; Sim, colaborei com organização de eventos e participei de eventos científicos; Embora tenha tido oportunidades, não participei da escrita de artigos, publicações ou eventos acadêmicos ou científicos; Não tive nenhuma oportunidade relacionada à produção acadêmica durante minha atuação no MCV; Outro.

Fonte: os autores

Com o objetivo de compreender os desdobramentos das trajetórias dos mediadores que foram ou são mediadores do MCV perguntamos onde eles estavam atuando profissionalmente quando da participação na pesquisa. Entre os 62 respondentes, foi possível identificar as diversas inserções no mercado de trabalho, abrangendo tanto o campo da educação e da ciência quanto áreas correlatas que demandam habilidades desenvolvidas durante a mediação no MCV. Nesse grupo estão incluídos professores da educação básica e do ensino superior, bem como profissionais que atuam em cursos preparatórios, projetos educacionais e iniciativas de popularização da ciência. Os dados indicam que a atuação no museu, contribui para a construção de trajetórias profissionais diversas, nas quais as competências desenvolvidas na mediação podem ser aplicadas a múltiplos contextos, operando a diferença. Eles têm potencial para suscitar reflexões sobre como o museu pode fortalecer sua rede de ex-mediadores e criar mecanismos de apoio e acompanhamento que possibilitem uma maior articulação entre a experiência adquirida no MCV e as oportunidades futuras no mercado de trabalho.

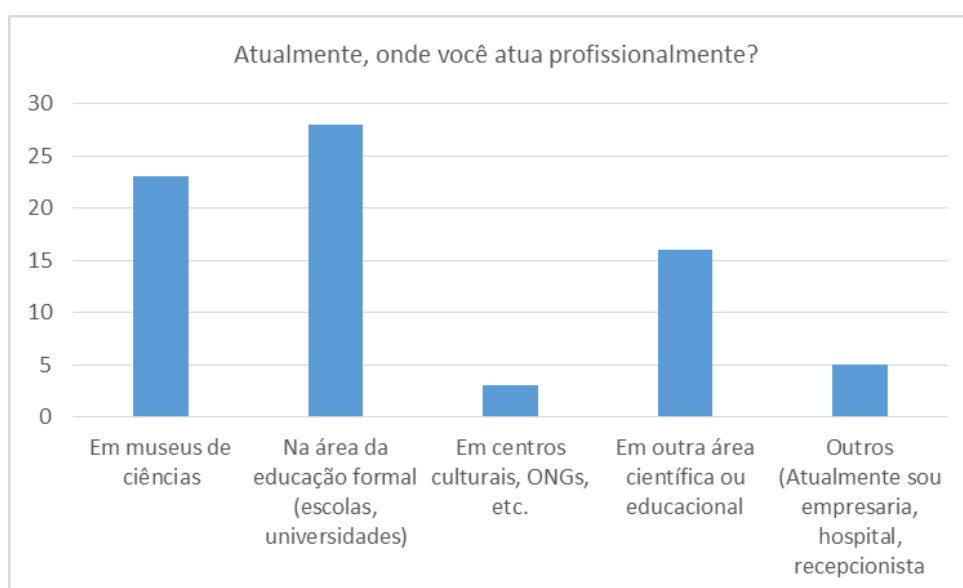


Gráfico 11. Distribuição das respostas acerca: Atualmente, onde você atua profissionalmente?
Possíveis respostas: Em museus de ciências; Na área da educação formal (escolas, universidades); Em centros culturais, ONGs, etc.; Em outra área científica ou educacional; outro.
Fonte: os autores

Pensando nas formações oferecidas pelo o MCV e como aperfeiçoá-las, foi perguntado ao grupo o que poderia ser implementado para aprimorar as formações. Entre as sugestões mais mencionadas, foi a de formação e capacitação em práticas inclusivas, indicando a necessidade de tornar o museu um espaço mais acessível e preparado para atender públicos diversos. As propostas de melhor integração entre museus, mais formação e capacitação específicas relacionadas às exposições, e a necessidade de formação em mediação também foram citadas, o que reforça a importância da formação continuada e a troca de experiências com outros espaços museais. (Marandino, 2008; Setton, 2024).

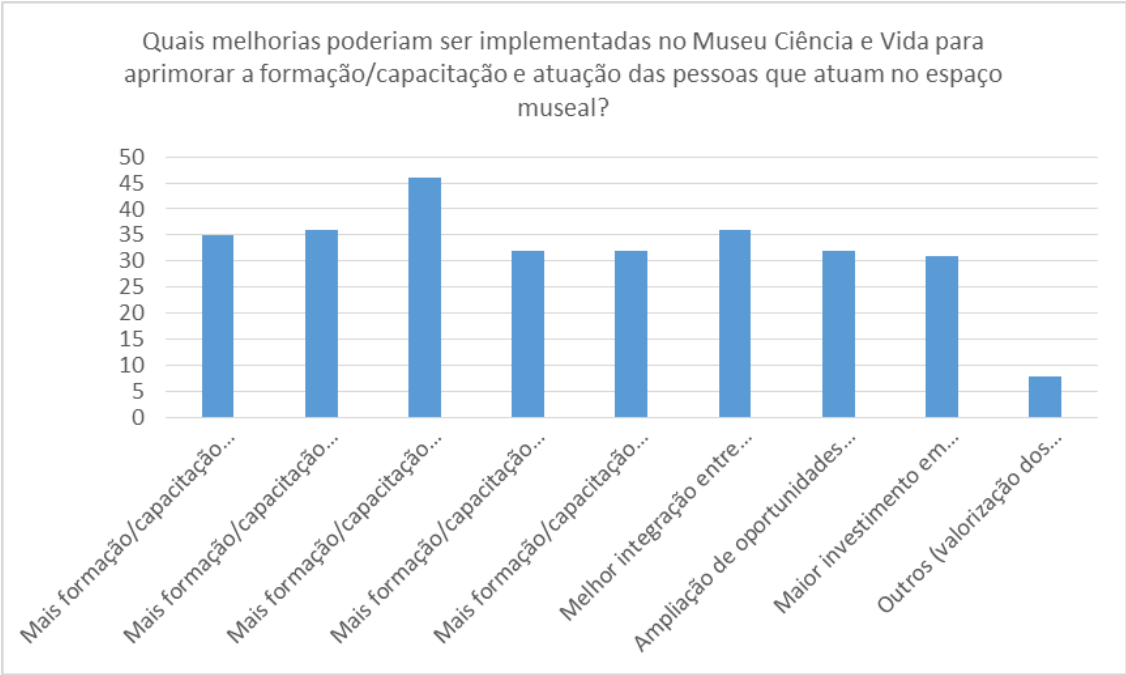


Gráfico 12. Distribuição das respostas acerca: Na sua opinião, quais melhorias poderiam ser implementadas no Museu Ciência e Vida para aprimorar a formação/capacitação e atuação das pessoas que atuam no espaço museal? (pode marcar mais de uma resposta) Possíveis respostas: Mais formação/capacitação específica relacionadas às exposições; Mais formação/capacitação em mediação cultural; Mais formação/capacitação em práticas inclusivas; Mais formação/capacitação em comunicação, expressão e em metodologias; Mais formação/capacitação em metodologias aplicáveis à mediação; Melhor integração entre museus e instituições de ensino; Ampliação de oportunidades de troca de experiências entre profissionais; Maior investimento em tecnologias educativas (por exemplo: dispositivos de realidade aumentada (AR) e realidade virtual (VR), aplicativos interativos para dispositivos móveis, painéis interativos e mesas digitais e/ou simuladores de experimentos científicos); Outros.



Fonte: os autores

Embora a maior parte das respostas tenha convergido para melhorias na formação e infraestrutura, algumas apresentaram proposições individuais, como questões relacionadas ao pagamento de bolsas, ações voltadas para o apoio psicológico e maior valorização e respeito aos mediadores. Essas sugestões, apesar de pontuais, evidenciam preocupações importantes sobre as condições de trabalho e bem-estar dos profissionais que atuam no museu. No geral, as respostas indicam um consenso sobre a importância de investimentos contínuos em formação, modernização de recursos e fortalecimento das conexões institucionais, buscando tornar o museu um espaço mais preparado e acolhedor para profissionais e visitantes. O processo de refinamento contínuo na mediação envolve uma constante atualização e adaptação das práticas mediadoras, que devem estar alinhadas com as necessidades e expectativas do público. Isso significa que os mediadores, assim como o setor educativo, precisam estar atentos às dinâmicas sociais e culturais, buscando formas inovadoras de engajar os visitantes e estimular sua curiosidade. A mediação, assim, se transforma em um canal ativo, onde o conhecimento circula e é apropriado de forma colaborativa.

Pensando na importância da infraestrutura e dos recursos disponíveis para formação no espaço do museu, perguntamos a opinião dos respondentes acerca desses aspectos para a formação e trabalho no museu. As respostas variam entre Bom e Regular com maior frequência, com 45 marcações, 13 para excelente e 4 para insuficiente. Essas respostas ratificam a percepção de que os recursos oferecidos pela instituição estão adequados à formação, embora ainda haja espaço para aprimoramento e atendimento pleno das ações formativas.

A mediação humana em museus ao longo dos anos já recebeu diversas denominações (Gomes e Cazelli, 2013, Cazelli e Valente, 2019, Silva e Costa, 2024), essa diversidade de nomes está ligada a natureza de suas funções, que vão desde apresentar o espaço expositivo, fazer visitas guiadas, atuar como agentes culturais, recreador, entre outros. No MCV, adotamos a nomenclatura de “mediador” que aos poucos vem sendo modificada acompanhando os estudos de educação em museus, por “educador museal”. Nos museus de ciências, o mediador, tem papel significativo no sentido que estas instituições estão permeadas de atividades que necessitam da presença do mediador, corroborando Marandino (2008, p.28) quando exalta o mediador como figura central na comunicação da instituição com o público. Castro (2019), em seus estudos sobre a construção do campo da educação museal e suas práticas profissionais, destaca que a denominação educador museal ganha forças a partir das políticas de implementação e pesquisa relacionadas ao PNEM. Neste sentido, buscamos entender como os mediadores do MCV se identificam diante das diversas terminologias as quais designam suas atuações. Para tanto, perguntamos para os participantes como eles compreendiam sua atuação no Museu, tendo como

opção de respostas os itens: recreador, monitor, educador museal, mediador, mediador cultural e deixamos o item outros para que eles tivessem a oportunidade de colocar alguma denominação que não foi contemplada. Observando as respostas dos 62 participantes percebemos que a forma como os mediadores compreendem sua atuação no MCV revela a diversidade de funções desempenhadas no espaço museológico, conjugada com o repertório refletido no seu capital cultural e a influência dessa experiência em suas trajetórias profissionais, ou seja, vemos a presença do conceito de *habitus* e gosto de classe. Entre as diferentes formas de identificação profissional, a categoria mais recorrente foi a de educador museal, o que demonstra um alinhamento crescente com uma abordagem que vai além da simples mediação, envolvendo também a construção e aplicação de estratégias educativas dentro do museu indo ao encontro das novas diretrizes no campo da educação museal, alinhado com as orientações da PNEM e alinhados com os referenciais teóricos da área. Contudo, o termo mediador ainda é amplamente utilizado na literatura, especialmente no campo da Divulgação Científica (Marandino, 2005,2008; Gomes, 2013; Menezes, Bevilacqua e Falcão, 2020). Ainda que a maioria dos respondentes tenham se identificado dentro de duas categorias (educador museal e mediador), surgiram outras formas de compreensão do trabalho desenvolvido no museu, como um respondente que se definiu como planetarista, categoria específica de atuação em uma das atividades do MCV e outro que se reconheceu como museóloga. Nenhum deles se percebe como recreador, monitor ou animador cultural. Podemos inferir que essas nomenclaturas não estão associadas aos profissionais de museu, na perspectiva dos nossos respondentes.

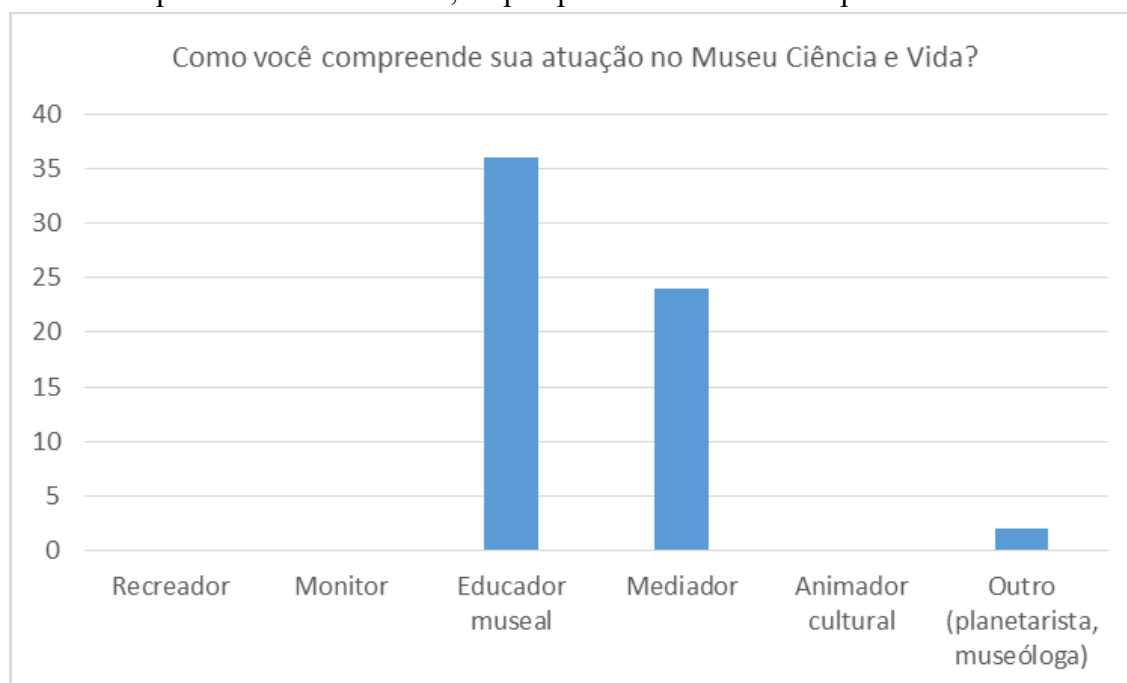


Gráfico 13. Distribuição das respostas acerca da compreensão da atuação no MCV. Possíveis respostas: Recreador; Monitor; Educador museal; Mediador; Animador cultural; Outro.



Fonte: os autores

Apesar de existir uma tendência de valorização do educador museal e do mediador como figuras centrais na experiência do visitante, há espaço para diferentes interpretações sobre os papéis desempenhados dentro da instituição (Gomes e Cazelli, 2016). A multiplicidade de nomenclaturas reflete tanto a diversidade das atividades exercidas quanto a ausência de um reconhecimento formal e uniforme para essas ocupações dentro do campo de educação museal (Castro, 2019). Nesse contexto, um novo campo de disputa começa a emergir, que é o da formalização do trabalho do educador museal como uma categoria profissional reconhecida. A crescente adesão a esse termo sugere um movimento em direção à sua consolidação, levantando debates sobre direitos trabalhistas, regulamentação e reconhecimento dessa atividade dentro das estruturas formais do mercado de trabalho. Questões como a inclusão dessa função na CLT, a definição de um plano de carreira e a valorização da formação específica para atuação em museus tornam-se cada vez mais centrais para os profissionais da área, indicando que o campo museológico não apenas se transforma em suas práticas, mas também em suas reivindicações por reconhecimento e estabilidade (Castro, 2019).

Os discursos dos mediadores estão presentes na pesquisa por meio das questões abertas. Vamos analisar essas vozes fazendo uso do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (Lefevre, 2017), que a partir de expressões-chaves e ideias centrais que emergem diretamente do texto permite reescrever falas de interesse da pesquisa, na forma de discursos sintetizados que representam o todo, sem apagamentos ou silenciamentos. Analisamos a trajetória de socialização profissional do mediador, sob a ótica de sua experiência no MCV e suas percepções de integração ao espaço museal. Acreditamos que essa forma de observação permite analisar como a formação e a prática podem contribuir para a formação do sujeito (*habitus*, gosto de classe e processo civilizatório). Sendo assim, as Expressões-chave (ECH), sua síntese em Ideias Centrais (IC) e o agrupamento dessas ICs em quatro categorias estão destacadas abaixo.

Categoria 1 - Desenvolvimento de Habilidades Pessoais e Profissionais

A relação pessoal e profissional confirma a importância do MCV como espaço de educação museal e de formação continuada ao destacar a evolução do conhecimento sobre si, da forma de comunicação, da transposição didática e no direcionamento da carreira. As habilidades adquiridas, tais como comunicação e criatividade são essenciais para o mediador, que é a "figura chave nos processos de educação e de comunicação com o público", atuando como a "voz" da instituição. A formação integral e crítica dos indivíduos é o foco da Educação Museal (Marandino, 2008). A percepção de ser ***“a profissional que sou hoje grande parte vindo de aprendizados do museu”*** demonstram a interiorização da exterioridade e a constituição do



habitus. O *habitus* é um "sistema de disposições duráveis e transponíveis" adquirido pelas experiências práticas, mas que, ao não ser um "destino", se mostra "aberto" a novas experiências que moldam o futuro profissional (Setton, 2002 e 2018). Essa categoria foi obtida e reescrita a partir de 34 ICs:

“[A] minha experiência de participação nas atividades do museu foi muito boa, excelente e riquíssima, sendo fundamental para a minha formação. Pude me aproximar da educação não-formal, que era um tema pouco abordado na minha formação. Através dela, houve o desenvolvimento de habilidades, aprendizagem e ganho de experiência com o público. Essa experiência me proporcionou grande aprendizado e conhecimento científico. Me inspirou a fazer o meu mestrado, pude desenvolver minha pesquisa de mestrado, trabalho de conclusão de curso e escrever artigos sobre o MCV. Fiz amizades, aprendi a ter paciência, a falar para um grande público. Minha experiência no MCV serviu para o desenvolvimento de algumas habilidades importantes enquanto no papel de educadora, como o aumento da autoconfiança e oralidade em público.”

A construção da categoria 2 - Integração e Pertencimento revela o sentimento de pertencimento relacionado a momentos de autoria, sugestões e desenvolvimentos de atividades. Esse resultado corrobora a PNEM, que incentiva a "construção do Programa Educativo e Cultural", entendido como uma Política Educacional, definido a partir da missão do museu, pelo setor de educação museal, em colaboração com os demais setores do museu e a sociedade" (IBRAM, 2017, p.5). A integração é alcançada quando o mediador atua diretamente nessa produção juntamente quando reconhece sua valorização profissional, ferramenta fundamental para o "fortalecimento do campo, valorização de seus profissionais e desenvolvimento de boas práticas" (Castro, 2019, p.1).

“Me senti verdadeiramente integrado(a) ao museu quando pude participar da construção da identidade do museu. O sentimento de integração total veio quando comecei a elaborar e apresentar atividades ou quando passei a desenvolver junto a um grupo de colegas oficinas e atividades que entraram no cronograma de atividades. Eu sugeri ideias de atividade e estas foram ouvidas e desenvolvidas junto com o setor educativo, eu estava verdadeiramente participando da construção da identidade do museu. Atuar em outras atividades, como no desenvolvimento de repertórios artísticos (participação em atividades lúdicas e teatrais) ou na criação de outras coisas do cenário das peças, sem ficar somente nas exposições, permitia uma reflexão conjunta que criava uma ideia de pertencimento à instituição.”

O destaque do trabalho em equipe, bem como do ambiente de trabalho e dos momentos de trocas é enfatizado na categoria 3 - Valorização do Ambiente e da Equipe Colaborativa. As relações de amizades construídas, a diversidade de áreas de formação e a questão do acolhimento apontam para o aspecto social e relacional da vivência dos mediadores no MCV. De acordo com as propostas de Elias sobre *configurações* ou *figurações* históricas, percebemos que os mediadores



não podem ser observados de forma isolada, os relatos observados nas respostas não retratam apenas experiências individuais, mas apresentam uma figuração social no espaço museal, cada mediador se constitui a partir da convivência com o outro, desde colegas, gestores à visitantes. Além disso, de acordo com Marandino (2008, p.29), ao observar e trocar experiências com outros mediadores que atuam com ele. Se configura em um processo fundamental para o processo de formação continuada e para a construção de um “repertório de práticas”.

“A minha experiência foi um processo de muitas trocas e aprendizados, com a equipe e com o público visitante. Fiz amizades e conheci pessoas incríveis que estão na minha vida até hoje. O trabalho em equipe foi um diferencial, e pude aprender visões de outras áreas. A pluralidade da equipe permite uma prática interdisciplinar. A experiência de troca foi significativa, pois cada um domina uma área do conhecimento e essa diversidade agregava muito ao fazer do mediador. Senti acolhimento por toda a equipe da instituição, incluindo mediadores e servidores, após um episódio de lgbtfobia, o que me fez sentir em um território que buscava me acolher. A união da equipe foi evidente quando enfrentamos diversos desafios juntos que nos fizeram integrar como equipe.”

Despertar a curiosidade dos visitantes, e a satisfação de atuar em uma instituição mediadora entre o conhecimento e a sociedade, é destacada como experiência positiva na categoria Conexão com Público e a Missão Social do MCV. O que reforça a função social da instituição em consonância com uma visão contemporânea de educação em museus (Castro, 2019). A interação com o público e a percepção de uma comunicação dialógica evidencia a importância da mediação humana no sentido de ser a “melhor forma de garantir que a mensagem proposta pelos idealizadores seja compreendida” (Marandino, 2008 p.12).

“Eu gostava de ver a curiosidade do público, crianças e/ou adultos, especialmente o olhar de surpresa e encantamento no rosto desses indivíduos quando eles percebiam que tinham aprendido algo novo. Essa sensação de causar um impacto positivo, mesmo que aparentemente mínimo, na vida dos sujeitos, era algo que me dava muita satisfação. A reação do visitante ao continuar uma conversa, elaborar novas perguntas e se sentir à vontade para expressar suas dúvidas, traziam momentos de verdadeira felicidade, onde eu concluía que ali um dos meus objetivos do trabalho foi atingido: o do visitante perceber que a ciência está sempre ao seu entorno e estimular sua curiosidade. Eu sentia que estava contribuindo para a função social do museu. Essa experiência reforçou o meu entendimento de como o conhecimento gerado dentro da instituição é levado ao público, fortalecendo a identificação com a missão da instituição de difundir ciência e cultura. Creio que a mediação das exposições para escolas e oficina com professores me faziam ter a sensação plena do museu enquanto uma instituição ponte entre pesquisa e sociedade.”

As críticas à gestão e os desafios estruturais enfrentados pela equipe apontam para uma divergência entre a prática e o ideal no campo da educação museal foram destacadas na categoria 5 - Desafios e Críticas. Algumas observações contrariam a proposta de formação continuada do



PNEM e também podem ser interpretadas como “violências simbólicas” de acordo com Bourdieu (Setton, 2018). No entanto, historicamente, museus enfrentam conflitos entre seus setores e que a condução de suas propostas pedagógicas “não possui uma sistemática contínua” (Setton e Oliveira, 2017 p.8). A noção de que as ações desenvolvidas no MCV já vinham “prontas” demonstram que alguns mediadores possuíam uma visão centrada no modelo de comunicação centrado no especialista, modelo que o campo da educação museal procura superar (Marandino, 2008).

“As capacitações, na época que trabalhei, eram escassas e rasas, e algumas não eram para minha formação como mediadora. Além disso, o número de bolsistas não era o suficiente. Se todos fizerem oficinas, as exposições ficarão sem mediador. Acredito que a proposta do projeto do museu como um todo poderia ter me ofertado possibilidades consideravelmente mais enriquecedoras.”

Fundamentado no conceito de processo civilizador de Norbert Elias, o MCV pode ser compreendido como um ambiente onde os indivíduos, ao interagirem, transformam suas práticas educativas e desenvolvem padrões de comportamento que refletem um avanço na educação museal. Esse processo contínuo de aprendizado e adaptação promove a incorporação de normas e valores que fortalecem a comunicação científica e a mediação, criando uma cultura de troca e refinamento mútuo. Esse processo civilizador, no contexto do MCV, manifesta-se na sofisticação progressiva das práticas pedagógicas e na ampliação das capacidades dos mediadores para atuar de maneira criativa e reflexiva. A necessidade de adaptação a novas demandas, o envolvimento na concepção de oficinas e exposições e a vivência em um ambiente colaborativo contribuem para um aperfeiçoamento contínuo das habilidades e das formas de interação entre os participantes. Os desafios que surgem nesse percurso são incorporados como oportunidades de desenvolvimento, permitindo que os mediadores fortaleçam sua identidade profissional e expandam suas perspectivas de atuação. Neste sentido, buscamos destacar qual seria o entendimento sobre Educação Museal (EM), na perspectiva dos mediadores. Os resultados encontrados demonstram que o discurso dos mediadores está em consonância com os estudos de educação em museus e com o PNEM. Observamos que os mediadores entendem a EM em quatro perspectivas: 1) como um processo pedagógico; 2) como uma ferramenta de transformação social; 3) como um campo profissional interdisciplinar e 4) como o papel central da figura do mediador.

1) Como um processo pedagógico:

“Eu compreendo a Educação Museal como uma forma de educação não formal extremamente necessária e relevante. É uma prática educativa, com intencionalidade e método, que utiliza os recursos de um museu ou centro de ciências para ensinar algum conteúdo associado à escola, mas sem transformar em uma aula tradicional. É a utilização de exposições, acervo, oficinas e afins – experiências significativas – como mediadores de conhecimentos relacionados ao



patrimônio cultural. Acredito que a EM ajuda os alunos a estarem melhor preparados para a construção de uma sociedade com mais equidade. Ela conecta tudo isso ao contexto sócio-cultural das épocas e da atualidade, de forma crítica.”

2) Como uma ferramenta de transformação social:

“Eu entendo a Educação Museal como uma forma de integração da sociedade com a ciência, e é uma verdadeira ferramenta de Divulgação da Ciência. O espaço museal é onde o saber é dinamizado e compartilhado, o que é crucial em um mundo sujeito à falta de senso crítico e ao espalhamento de ideias falsas/não acuradas. É um campo de atuação que constrói reflexões teóricas e práticas educacionais próprias, em interlocução com outros ramos do conhecimento. É um campo interdisciplinar. Algo maravilhoso, capaz de ampliar a visão de mundo. É a experiência vivida, de afeto e a relação de pertencimento que se cria no encontro com os conhecimentos e mediação. É o tipo de educação capaz de atingir diferentes públicos.”

3) Como um campo profissional interdisciplinar

“A Educação Museal é uma arte de ensinar fora da sala de aula. Ela desperta nos visitantes a curiosidade sobre assuntos de ciências, pois nos museus os visitantes têm o encantamento pela ciência, o que a escola, presa em calendário escolar, muitas vezes não consegue. Eu exploro a curiosidade, apresento o conteúdo em uma forma lúdico. O Mediador ou educador museal é o próprio museu em movimento, sendo um grande elo entre quem pensa e constrói os modelos e módulos expositivos e o público. O meu trabalho é transmitir de forma instigadora sobre temas da exposição e suas conexões, fazendo o público curioso sobre um assunto. A Educação Museal mediada permite ao educador desenvolver habilidades sociais, inteligência interpessoal e conhecer diferentes realidades e histórias.”

4) Como o papel central da figura do mediador

“A educação museal (me) permite transitar pela tríade entre educação, cultura e pesquisa. Além de proporcionar a oportunidade de colocar ideias autorais em prática e colaborar de forma coletiva na execução de propostas da equipe. Entendo como um trabalho muito diverso e rico. Cada museu tem suas possibilidades e estruturas definidas, e isso impacta também nas opções para a educação museal do lugar. E pensar também que ainda há a possibilidade da educação museal não estar trancada dentro do museu ainda é mais maravilhosa. Para além dos pressupostos teóricos relativos a educação museal, para mim é a experiência vivida, de afeto e a relação de pertencimento que se cria no encontro com os conhecimentos e mediação. E tenho me aliado a teorias feministas e antirracistas para fazer dessas experiências de aprendizado significativo, isto é, aquele que desperta encantamento e estabelece vínculos emocionais profundos.”

No MCV, profissionais da Educação Museal desenvolvem estratégias pedagógicas inovadoras que não apenas promovem a inclusão social e a acessibilidade ao conhecimento, mas também



fortalecem o papel dos museus na formação de uma cidadania crítica e participativa. São responsáveis por traduzir conceitos científicos e culturais de maneira acessível, estabelecendo um diálogo constante entre visitantes e acervos. A formalização da Educação Museal como profissão no Brasil ainda é uma luta a ser conquistada, mas sua importância institucional e política já se destaca, sendo essencial garantir direitos aos profissionais do setor e promover formação especializada para ampliar o impacto social e cultural dos museus.

Segundo Dantas *et al.* (2020), museus e centros de ciências, são fundamentais para a alfabetização científica, estimulando o pensamento crítico e combatendo a desinformação. Assim, a Educação Museal fortalece os museus como espaços de aprendizado contínuo e experimentação. Além disso, o campo permite o envolvimento de diversos indivíduos que precisam desenvolver um conjunto de competências que vão desde o conhecimento técnico-científico até a capacidade de dialogar com diferentes públicos, tornando os museus cada vez mais acessíveis e socialmente relevantes. (Marandino, 2008; Castro, 2019)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada evidencia a relevância do MCV como espaço formativo, onde a mediação se estabelece como um processo contínuo de aprendizagem, troca de saberes e construção de trajetórias profissionais. O estudo demonstra que o MCV não apenas capacita seus mediadores, mas também contribui para a qualificação de profissionais que se inserem em áreas variadas da ciência, educação e cultura, ampliando a difusão do conhecimento e fortalecendo a mediação como prática essencial para a democratização do conhecimento científico.

A observação dos dados de forma integrada revela um panorama diverso de formações, vínculos institucionais e experiências adquiridas pelos mediadores ao longo de sua atuação no museu, assim como a sua concepção da Educação Museal. O uso da DSC permitiu evidenciar a EM como um campo profissional e um importante meio de socialização, destacando uma EM alinhada com seus pressupostos e políticas públicas.

Amparados nos conceitos sociológicos de *habitus*, gosto de classe e processo civilizatório, é possível compreender que a formação dos mediadores não ocorre apenas de maneira uniforme e estruturada, mas é atravessada por dinâmicas institucionais e trajetórias individuais. A assimilação de práticas e saberes no espaço museológico se dá em meio a um processo contínuo de socialização, no qual a mediação não apenas troca conhecimento, mas também molda a identidade profissional dos educadores. Os dados obtidos apontam para a força da EM como um campo que modifica o *habitus* e a trajetória individual dos participantes. A influência do MCV



ultrapassa seus limites físicos, refletindo-se nas diversas instituições onde seus ex-mediadores atuam. O impacto dessa experiência na trajetória dos profissionais reafirma a importância do museu como espaço de transformação social, promovendo a inserção de seus mediadores em um ecossistema de divulgação científica mais amplo.

A pesquisa reforça a necessidade de políticas institucionais que aprimorem e consolidem o processo de formação dos mediadores, garantindo que o MCV continue desempenhando um papel estratégico na educação museal. O reconhecimento das potencialidades e desafios apontados ao longo do estudo pode servir de base para futuras ações formativas, fortalecendo a missão do museu como espaço de popularização do conhecimento, inclusão social e estímulo ao pensamento crítico. Por fim, os dados observados e categorizados apontam para uma importante adesão, tanto dos mediadores quanto do MCV, aos propósitos da educação museal brasileira, associando a prática dialógica ao compromisso da transformação social, por meio da divulgação da ciência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília: IBRAM, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/62149856/Caderno-da-PNEM20200220-80398-8vmy35.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2025.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM); Observatório de Economia Criativa (OBEC); Universidade Federal da Bahia (UFBA). PEM BRASIL Pesquisa Educação Museal Brasil. Pesquisa nacional de práticas educativas dos museus brasileiros: um panorama a partir da política nacional de educação museal: relatório final. Joinville, SC : Casa Aberta Editora e Livraria : Instituto Brasileiro de Museus, 2023. Disponível em: <https://cedoc.museus.gov.br/repositorio-de-educacao-museal/pesquisa-nacional-de-praticas-educativas-dos-museus-brasileiros-um-panorama-a-partir-da-politica-nacional-de-educacao-museal/> Acesso em 28 ago. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989, pp. 133-161.

CASTRO, Fernanda Santana Rabello. A construção do campo da Educação Museal: Políticas Públicas e prática profissional. **Revista Docência e Cibercultura**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 90-114, set. 2019. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/redoc/article/view/40706/30489>



CAZELLI, Sibe. VALENTE, Maria Esther., Incursões sobre os termos e conceitos da educação museal. **ReDoC - Revista Docência e Cibercultura**, v.3, p. 19, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/40729/30486>

DANTAS, Luiz Felipe Santoro; ALVES, Tamires Renata Silva; DECCACHE-MAIA, Elisa. A Importância dos Centros e Museus de Ciências: A Contribuição de Suas Atividades. **International Journal Education and Teaching** (PDVL), v. 3, n. 3, p. 167-184, 2020.

ELIAS, N. O processo civilizador - uma história dos costumes. (v. 1). Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Isabel Lourenço. Formação de mediadores em museus de ciências. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; MAST, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: https://fiocruz.br/brasiliana/media/Dissertacao_Isabel%20Gomes.pdf Acesso em: 12 fev. 2025.

GOMES, Isabel; CAZELLI, Sibe. Formação de Mediadores em Museus de Ciência: saberes e práticas. **Ensaio Pesquisa Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v.18, 2016. <https://doi.org/10.1590/1983-21172016180102>

LEFREVE, Fernando. **Discurso do sujeito coletivo: nossos modos de pensar. Nosso eu coletivo**. São Paulo: Andreoli, 2017.

MARANDINO, Martha. A pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciência. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, n. 1, p. 207-227, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/87wVYCHWK3XmVBpPZRFS84m/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

MARANDINO, Martha. **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo: FE-USP, 2008.

MARANDINO, Martha. O papel da mediação em museus de ciências e centros de ciências itinerantes. **Journal of Science Communication**, 2008. Disponível em: https://jcomal.sissa.it/article/pubid/JCOMAL_0101_2018_A03/download/pdf/. Acesso em: 12 fev. 2025.

MENEZES, Débora Teixeira dos Santos e; BEVILAQUA, Diego Vaz; FALCÃO, Douglas. O desafio da inclusão social nos museus de ciências. **Ciência Hoje**, julho 2022. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/o-desafio-da-inclusao-social-nos-museus-de-ciencias/> Acesso em 15 fev. 2025.



SETTON, Maria Graça Jacintho. Socialização de *habitus*: um diálogo entre Norbert Elias e Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Educação**, v.3, 2018. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230072>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Th9GhGqCXXkvzqXLJnJ7ZLrm/?lang=pt> . Acesso em 28 ago. 2025.

SETTON, Maria Graça Jacintho; OLIVEIRA, Mirtes Marins. Os Museus como espaço educativo. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.33, 2017. <https://doi.org/10.1590/0102-4698162678>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/SfB5b6yVHgCjktwVdXJ6x7Q/?lang=pt>. Acesso em 28 ago. 2025.

SILVA, Mauricio André da; COSTA, Andréa Fernandes. **História da Educação Museal no Brasil**, 1ª ed. São Paulo: ICOM CECA, 2024.

Agradecimentos

Mônica Santos Dahmouche agradece ao CNPq pela bolsa de produtividade em pesquisa C.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.